

Sobre a antecipação na clínica psicanalítica lacaniana com crianças

(Voltar ao futuro)

Pablo Peusner

Na enorme bibliografia psicanalítica, e especificamente naquela dedicada aos problemas emergentes da clínica, verifica-se que grande destaque é dado ao caráter retroativo do significante, ou seja, ao seu valor no que se refere à ressignificação. Contudo, Lacan afirmava que o significante, em função de sua natureza, “sempre antecipa o sentido, desdobrando como que diante dele sua dimensão”^{1,2}.

A dupla nuance temporal própria de seu funcionamento já estava presente no adjetivo alemão *nachträglich*, utilizado com frequência por Freud para tratar de processos de temporalidade paradoxal. Trata-se de um termo que admite dupla leitura: pode indicar que o sujeito continua trazendo consigo determinado evento do passado até o tempo presente, revelando certa tensão em relação ao futuro; pode indicar também que o sujeito volta ao passado para se encontrar com o evento – ou, o que é equivalente, que o sujeito traz ao presente um evento do passado, futurizando-o. Convém então destacar que, em espanhol, ao traduzir *nachträglich* por “posterioridade” (recurso frequente entre os analistas de língua hispânica) perde-se tanto a noção de retorno ao evento e a ideia de permanência do evento quanto à referência a um processo contínuo de elaboração de nova significação.

Como estabelecer, então, um dispositivo que permita o desdobramento de ambos os valores temporais do significante, antecipação e retroação, em um âmbito de trabalho com as características da clínica psicanalítica lacaniana com crianças?

Antes de responder, convém lembrar que, se não podemos desconhecer a dependência genérica da criança em relação a seus outros parentais, representantes do meio humano, podemos sim afirmar – de acordo com Lacan – que essa dependência, a qual ocorre desde um estágio extraordinariamente precoce do desenvolvimento, pode ser considerada uma “dependência significante”. Dessa forma, justifica-se o fato de que o analista não deve recuar diante da situação da consulta com uma criança. Se esse modo de dependência pode ser considerado “significante”, é possível formular então a seguinte hipótese: a presença dos pais e de outros familiares na clínica psicanalítica com crianças não pode ser considerada um real. Apesar de, por enquanto, tratar-se apenas de uma hipótese, é válido desenvolver as implicações de tal afirmação.

¹ Lacan, *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957/1998, p. 505).

² (N.R.) Na referência literal encontrada na versão brasileira dos Escritos lê-se: “Pois o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que adiante dele sua dimensão.”, como tradução do original “Car le significatif de sa nature anticipe toujours sur le sens en déployant en quelque sorte au devant de lui sa dimension”. Na tradução em espanhol, lê-se: “Porque el significante por su naturaleza anticipa siempre el sentido desplegando en cierto modo ante el mismo su dimensión”. O revisor do presente artigo preferiu optar por nova tradução reforçando que o significante antecipa o sentido, como se lê no original e na tradução em espanhol, e não que se antecipa a ele, assim como que o significante antecipa diante de si mesmo sua dimensão.

³ Freud, Conferência XX-XIV: Explicações, aplicações e orientações (1932/1996).

O significante “presença dos pais e de outros familiares” não é um significante de Lacan. Não há nos textos de Lacan referências explícitas ao problema, e o termo parece provir dos textos freudianos, nos quais a presença em questão era reduzida a uma presença na realidade: uma presença física que recebia valor de empecilho ao tratamento. Cito: “Uma criança é um objeto psicologicamente diferente de um adulto. De vez que não possui superego, o método da associação livre não tem muita razão de ser, a transferência (porquanto os pais reais ainda estão em evidência) desempenha um papel diferente”³.

Nós, psicanalistas, não definimos o pai ou a mãe de uma criança a partir do laço sanguíneo existente entre eles. A clínica contemporânea articula-se com todo um conjunto de novas modalidades de laços familiares que, de alguma maneira, nos obrigam a ressituar no simbólico os laços paterno-filiais (e também os fraternais). Porém, a existência desses laços tem unicamente valor de obstáculo no tratamento psicanalítico ou pode ser útil em alguma medida?

Para responder, convém lembrar que a ação que o analista produz sobre o paciente – em nosso caso, sobre a criança, seus pais e outros familiares incluídos no dispositivo – “escapa juntamente com a ideia que possa fazer dela, quando ele não retoma seu começo naquilo pelo qual ela é possível, quando não retém o paradoxo do que ela tem de retalhada, para revisar no princípio a estrutura por onde qualquer ação intervém na realidade”⁴. Eis aqui a política do analista, à qual sugerimos acrescentar o dispositivo de presença dos pais e outros familiares. Tal dispositivo se configurará com maior liberdade de acordo com a tática adotada pelo analista em cada caso, tomando posição quanto a quem participará e com qual frequência, ainda que, para facilitar certos fenômenos temporais de tipo antecipatório, proponha-se que dita frequência seja fixa.

Esse dispositivo – que não será senão uma rede gerada por um discurso que inclui decisões regulamentares, enunciados científicos, proposições enunciadas e não enunciadas – estará inscrito num jogo de poder (acerca do qual Colette Soler indicou a violência inicial para qualquer modelo de dispositivo) e contribuirá para a criação da chamada “situação analítica”. Assim, a presença dos pais e de outros familiares converter-se-á em um artifício originado a partir

⁴ Lacan, *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1958/1998, p. 596).

da direção tomada pelo analista em forma de regras. Essas regras veicularão, inclusive nas inflexões de seu enunciado, a doutrina com que o praticante as sustenta, bem como o efeito que tenham produzido sobre ele em sua análise pessoal.

Se o dispositivo da presença dos pais e de outros familiares na clínica psicanalítica lacaniana com crianças for levado ao seu máximo desenvolvimento, haverá a instalação de uma rede discursiva na qual se falará do sujeito ou do assunto a partir de diversas posições enunciativas, permitindo que o dito sujeito bidimensional fique claramente em uma posição de dependência em relação ao significante. Dessa forma, nos relatos que possam surgir, não importará quem é o autor dos textos, e sim que esses “se digam”. Em uma rede assim será possível enunciar acontecimentos passados como se fossem posteriores ao momento da enunciação, restituindo o *nachträglich* freudiano, mesmo que agora esteja transmutado em futuro anterior. E como conjectura o analista, sua intervenção pode transformar-se em uma hipótese ou em uma abdução hipocodificada de efeito antecipatório e decisivo para o assunto em questão, permitindo o estabelecimento de relações coerentes entre dados textuais diferentes e ainda desconexos.

Verificamos, na bastante diversificada clínica psicanalítica lacaniana com crianças, que deixar que os pais ou outros familiares decidam quando deve ser realizada a entrevista com o analista faz com que, quase sempre, cheguemos tarde ao problema em questão. Além disso, pode ocasionar uma espécie de renúncia da nossa tão apreciada direção da cura.

Creemos que o trabalho assim proposto contribui para um labor conjunto no qual certas ideias podem matizar-se e apresentar-se de modo menos brusco, ao mesmo tempo em que se permite trabalhar em um terreno com boas probabilidades para aquilo que chamamos de “O sofrimento das crianças em sua nuance objetiva”⁵.

Em um de seus textos clássicos, “Introdução ao narcisismo”, Freud afirma que os pais obtêm por meio dos filhos certa satisfação como modo de recuperar um antigo narcisismo já resignado. Não obstante, nos atrevemos a afirmar que um filho sempre é mais, menos ou diferente daquilo que poderia satisfazer planamente os pais em seu narcisismo perdido. Surge assim uma diferença que, ao

⁵ Peusner, *El sufrimiento de los niños* (1999).

retornar sobre a posição parental, determina um modo particular de sofrimento: o sofrimento das crianças em sua nuance objetiva. E como quando o paciente é uma criança, esse sofrimento pode ser abordado, desdobrado e modificado pela via do dispositivo de presença dos pais e de outros familiares, o que justifica seu uso e as reflexões acerca de seus alcances.

Precocemente, em 1949, na ocasião de propor seu projeto de “Regulamento e doutrina da comissão de ensino da Sociedade Psicanalítica de Paris”, Lacan enfatiza a flexibilidade técnica na qual deve acreditar aquele que quer exercer a clínica com crianças. E nessa perspectiva, ele também afirmava que a nós, analistas que não retrocedemos diante das crianças, nos são solicitadas incessantemente invenções técnicas e instrumentais, o que acabava por instalar o trabalho teórico-clínico com crianças no lugar da “fronteira móvel da conquista psicanalítica”⁶. Por fim, esperamos que nossa proposta de trabalhar com o dispositivo da presença fixa de pais ou de outros parentes na clínica psicanalítica com crianças seja considerada uma intenção de estender dita fronteira, favorecendo os dois valores temporais do significante, coadjuvantes no momento de tentar cernir o real.

Tradução: Maria Claudia Formigoni
Revisão: Paulo Marcos Rona

Referências bibliográficas

- FREUD, S. (1932). *Conferência XXXIV: Explicações, aplicações e orientações*. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXII).
- LACAN, J. (1949). *Reglamento y doctrina de la comisión de enseñanza*. In: MILLER, J.A., *Escisión, Excomunión, Disolución – Tres momentos en la vida de Jacques Lacan*. Buenos Aires: Ed. Manantial, 1987.

⁶ Lacan, *Reglamento y doctrina de la comisión de enseñanza* (1949, p. 22).

- LACAN, J. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- PEUSNER, P. *El sufrimiento de los niños*. Buenos Aires: JVE editor, 1999.

Resumo

A partir do resgate da noção de “antecipação”, matiz temporal do significante que consideramos esquecido pelos psicanalistas lacanianos, e mediante uma revisão dos valores do termo *Nachträglich* em alemão e uma crítica à sua equivalência com o *après-coup* francês, este trabalho pretende apresentar uma lógica possível para o trabalho com pais e parentes na clínica psicanalítica laciana com crianças. Se o sujeito não coincide com pessoa alguma, e se nos casos de consulta por uma criança falam, efetivamente, muitas pessoas (que aqui reduzimos à dupla “pais e parentes”), a possibilidade de incluí-las em um dispositivo de frequência fixa (tal é nossa proposta) permitiria não chegar sempre tarde a situações de crise e, inclusive antecipá-las.

Palavras-chave

Antecipação, retroação, psicanálise com crianças, significante, dispositivo.

Abstract

Following the recovery of the notion of “anticipation”, a temporal aspect of the signifier we considered to be forgotten by the Lacanian psychoanalysts, and by means of a revision of the values of the German term *Nachträglich* and a critique to its equivalence with the French *après-coup*, this work attempts to present a possible logic for the work with parents and relatives within the Lacanian psychoanalytic practice with children. If the subject does not coincide with any person, and if during the consultation for a child, in fact, there are many people involved (grouped here under the categories of “parents and relatives”) the possibility of including them in a fixed frequency device, as we suggest, would allow us not only not to be late during crisis situations but also even to be able to anticipate them.

Keywords

Anticipation, retroaction, psychoanalysis of children, signifier, device.

Recebido

16/04/2009

Aprovado

06/08/2009